

Davi Zocoli



Num conceito tradicionalista, a história era vista como a narração dos acontecimentos notáveis de um povo, como a ciência dos conhecimentos relativos ao passado e à evolução da humanidade. O historiador limitava-se a narrar fatos de acordo com uma sucessão cronológica, e interpretá-los de forma tendenciosa e subjetivista. A noção de história é essencial para explicar a lógica dos acontecimentos atuais, a fim de que o homem atue com consciência crítica e força transformadora para evitar que os mesmos erros históricos se repitam. Hoje, mais do que resgatar a história da humanidade, ou buscar explicações para ela, é preciso que se tome uma atitude de crítica e reflexão com o que está acontecendo diante de nossos olhos, para que possamos não apenas olhar, mas ver e reparar. Políbio, historiador grego, descreveu muito bem o compromisso do homem com a história e com a verdade: "...Pois assim como os seres vivos se tornam inúteis quando privados de olhos, também a história da qual foi retirada a verdade nada mais é do que um conto sem proveito."

A literatura é uma manifestação artística, revelada através da linguagem e reveladora de uma dimensão supra-real do imaginário criador do poeta, voltada para a compreensão do homem e do mundo. Durante muito tempo, ela retratou os costumes e os pensamentos de uma determinada época, sob a cosmovisão e a sensibilidade poética de quem a produzia, mas no contexto atual a literatura pode explicar o elo entre a cultura portuguesa e a brasileira. De acordo com essa abordagem, Saramago, interroga o passado com o intuito de esclarecer o presente, não como um historiador, é claro, mas como um escritor de ficção que observa através e além dos acontecimentos históricos para ironizar e satirizar os costumes de uma sociedade decadente que parece pertencer a um passado longínquo e distante, mas transpõe barreiras temporais e espaciais para fixar nossa atenção nos acontecimentos que estamos vivenciando.

Em "Memorial do Convento" a história é tomada como um romance em suas possíveis perspectivas, em que a construção do convento, em Mafra, representa a própria construção do romance; naquela atuam os operários como personagens populares, relegados pela História tradicional; nesta o autor é o edificador do monumento literário; ele toma a história como sujeito de sua obra para depois retirar-lhe as referências naturais dos fatos ligados a um passado inalterável, colocando-os num tempo e espaço paralelos, atuando como agente transformador. Já nos livros "O ano de 1993" e "Ensaio sobre a cegueira" percebemos que a obra do escritor português ganha dimensões ainda mais universais, focalizando um questionamento milenar sobre a



Adriana Lília V.S. de Andrade

condição humana.

No apocalíptico e surrealista ano de 1993, Saramago mostra a degradação do homem, que volta a viver em condições primitivas para se proteger do horror do "domínio do ocupante", dos "ordenadores". Sofrendo imensas humilhações, cogitando até no suicídio coletivo, na "morte com esperança" como forma de salvação, os personagens não têm nome e ainda são marcados com números, como forma de serem identificados (como aconteceu há mais de cinquenta anos, nos campos de concentração e em Auschwitz, e continua a acontecer quando somos identificados, não por nomes próprios, mas pelo número do CPF, número do RG...). Chega-se a uma animalização do homem, tanto pelas suas atitudes violentas, quanto pela sua falta de identidade. "O ano de 1993", revestido de uma linguagem visonária e fantástica e de uma feição alegórica, está, em seu contexto, ligado ao período de opressão e obscuridade vivido em Portugal pelo regime ditatorial fascista (pelo qual sobreviveram os monopólios e os latifúndios), que só teve fim com a Revolução dos Cravos, em 1974.

O "Memorial" está situado, historicamente, no inicio do século XVIII, época em que a nação portuguesa era regida pelas políticas do absolutismo monárquico, com o apoio da Igreja, como se demonstra na estreita relação entre o rei e o cardeal. O clero monopolizava o saber, por intermédio da Santa Inquisição, e o Estado detinha

o monopólio político e econômico, adotando o mercantilismo, e mantendo uma estrutura latifundiária. Assim, ao retratar um período da história de Portugal, sem recorrer a referências cronológicas, e permeando seu discurso de episódios burlescos e maravilhosos, Saramago conseguiu superar um historicismo romântico, que apenas enaltece os feitos pretéritos de grandes estadistas, reis e clérigos, para introduzir a participação de personagens populares que têm importância na trama narrativa, dando voz aos anônimos que ajudaram e ajudam a construir nossa história, como aqueles operários que construíram o convento em Mafra, e estes que no século XX, construíram Brasília. Assim, temos o relato de um governo e uma sociedade que ostentam luxos, obras suntuosas e perdulárias, enquanto sua estrutura se apresenta em plena contradição, mostrando a face podre e hipócrita do que parece ser apenas uma realidade distante. Será que até hoje não temos tantos gastos públicos, em Portugal, como no Brasil, com obras faraônicas, enquanto é mínimo o investimento em saúde, educação, saneamento básico, e grande parte da população vive em estado de absoluta pobreza e miséria? Adotando essa linha de pensamento, podemos perceber alguns episódios que nos remetem a fatos históricos recentes e contemporâneos, não só em Portugal, como no Brasil. Qualquer semelhança não é mera coincidência, sobretudo, lembrando-se que há quinhentos anos fomos "encontrados" por Portugal.

O árduo trabalho dos operários na construção do convento em contraste com as touradas, ou ainda os autos-de-fé, em que a população se reunia num ritual para purificar a alma dos hereges, enquanto fartava-se em banquetes e libertinagens, representa a política do panis et circensis: dar alimento e diversão alienante ao povo, enquanto os governantes, com indiferença, usam e abusam do poder para manobrar interesses políticos e colocar as conveniências pessoais acima do interesse coletivo. Atualmente, esse papel é desempenhado pelos meios de comunicação de massa, que garantem a diversão alienante, mas já nem todos têm garantido o pão ou uma condição digna para adquiri-lo por meio do trabalho.

Com uma visão lúcida e inquietante de seu tempo, Saramago demonstrou preocupar-se não somente com os rumos da história de Portugal, no que podemos aproveitar as semelhanças e peculiaridades nas raízes da história brasileira, mas, sobretudo com a História da Humanidade. Daí a riqueza e universalidade da obra do escritor que, tendo recriado a história a partir da ficção, demonstrou estar engajado com as preocupações existencialistas do homem do terceiro milênio.

■ Aluna de graduação em Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa; trabalho extraído de seminário apresentado na disciplina Literatura Portuguesa – Modernismo, do Departamento de Teoria Literária e Literaturas - Universidade de Brasília (UnB).